



Boletim Mensal Informativo

Nossa Senhora da Penha de França

novembro 2021, nº7

CATÓLICOS PODEM FESTEJAR O HALLOWEEN?



O que nós, como católicos, devemos pensar a respeito do *Halloween*? Qual a origem dessa festa e como ela assumiu os contornos que vemos hoje? Seria possível festejá-la, em nossos dias, de forma cristã?

Traduzida para a língua portuguesa como "dia das bruxas", a expressão *Halloween* se origina, na verdade, do calendário litúrgico da Igreja Católica, que celebra no dia 31 de outubro a véspera da Solenidade de Todos os Santos — *All Hallows' Eve*, em inglês. Seguida pela Comemoração dos Fiéis Defuntos, no dia 2 de novembro, ambas as festas marcam o início de um mês que, para os católicos, se destina tradicionalmente à meditação dos *novíssimos* (as "últimas realidades", que abarcam a morte, o juízo, o Céu, o inferno e o purgatório). Sabendo, de facto, que a Igreja não é formada apenas pelos membros que *militam* nesta vida, mas também pelos santos que *triunfam* no Céu e pelas almas que *padecem* no purgatório, sempre existiu no coração católico um sentimento de profunda solidariedade para com nossos irmãos do além, sendo esse o motivo pelo qual

visitamos os cemitérios, rezamos, jejuamos e mandamos celebrar Missas pelas almas dos fiéis defuntos.

Uma prática piedosa esquecida, também com essa finalidade, é a de dar esmolas, da qual se origina a famosa brincadeira de "doces ou travessuras" (*trick-or-treat*): a princípio, eram os pobres pedintes que batiam às portas das casas das famílias, esperando receber delas o "pão das almas"; com o tempo, porém, esse pão foi se sofisticando e sendo substituído por doces das mais variadas formas, os quais passaram a ser distribuídos também às crianças. Outro fato curioso é que, possivelmente, foram as visitas aos cemitérios cristãos que deram origem ao costume hoje vigente no *Halloween* de se acender uma vela dentro de uma abóbora: construídos ao lado das igrejas, os cemitérios eram terrenos muito limitados, pelo que, em alguns lugares, a fim de dar espaço a outros defuntos, os ossos dos falecidos há mais tempo eram colocados em um lugar à parte, onde, ao mesmo tempo, velas eram acesas para se fazer oração. É da pedagogia cristã, por fim, que parecem vir os trajes de demônios e afins, que hoje as pessoas vestem com escárnio e fins meramente mundanos: no começo, esses costumes eram usados nas artes para catequizar as crianças e ensinar-lhes a Fé, incutindo nelas, desde a mais tenra idade, as verdades eternas. Assim os filhos aprendiam a existência dos demônios e do inferno, a pena eterna devida pelo pecado mortal, a possibilidade real de condenar-se para sempre etc.

Hoje, no entanto, permitir que as crianças se disfarcem de bruxos, monstros e demônios é, sem

sombra de dúvida, um grande erro por parte de pais e educadores. A moderna festa de *Halloween*, que se propagou ao redor do mundo desde os Estados Unidos e a Inglaterra, preservou muito pouco de seus elementos originalmente cristãos. Isso aconteceu porque a Rainha Elisabete I, desprezando (como boa protestante que era) a intercessão pelos mortos, proibiu os seus súditos (e fiéis) de tomarem parte em quaisquer cerimônias que lembrassem o respeito e a reverência que, enquanto membros do mesmo corpo místico, todos devemos aos nossos irmãos que morreram em Cristo. Com isso, ao invés de eliminar os festivais que seu povo tão piedosamente celebrava, o que a Coroa conseguiu foi simplesmente desnaturar o *Halloween* de todo o seu sentido cristão, fazendo com que os ingleses retomassem, ainda que de forma mitigada, os cultos macabros que os celtas, seus ancestrais pagãos, prestavam aos mortos. Assim, o que fora para os primeiros evangelizadores da Inglaterra uma grande oportunidade de catequese — por ordem de Gregório Magno, que enviou ao país Santo Agostinho da Cantuária e o orientou expressamente a lançar mão dos elementos da cultura local para a conversão dos nativos — terminou se transformando, para as gerações vindouras, em flerte com o paganismo e causa de verdadeira perdição.

Muitos sacerdotes exorcistas atestam essa verdade na prática de seu ministério: é grande a contaminação que recebem muitas crianças e jovens ao participarem das aparentemente "inofensivas" brincadeiras desta

que constitui, agora, uma festividade puramente pagã. Por isso, recomenda-se às famílias católicas que evitem tomar parte nessas comemorações e não permitam que seus filhos se caracterizem como bruxos, demônios e coisas afins. Podemos até admitir, como já explicado, que a origem do *Halloween* seja católica; festejá-lo da forma mundana como ele é festejado hoje, todavia, constitui muito mais um mal que propriamente um bem.

É claro que as famílias cristãs podem — e devem — servir-se dessa ocasião, em suas casas, para restaurar o autêntico sentido católico do dia 31 de outubro: aproveitar a proximidade da festa de Todos os Santos para inspirar as crianças e os jovens a imitarem o exemplo desses amigos de Deus e aspirarem ao destino eterno que eles alcançaram. Uma boa sugestão nesse sentido seria, ao invés de impor nos filhos os costumes dos condenados ao inferno, vesti-los com roupas de santos. *Vesti-los de santos*, sim, o que não significa necessariamente vesti-los com hábitos clericais ou religiosos, porque afinal, como nos ensina a história da Igreja, *a santidade é para todas as pessoas*, independentemente do estado de vida — e da faixa etária — em que se achem. Incentivando nossas crianças a celebrarem deste modo a véspera de Todos os Santos, começaremos a prepará-los desde já para a celebração plena desse mistério no Céu.

Por Padre Paulo Ricardo,

<https://padrepauloricardo.org/episodios/o-halloween>

PÃO-POR-DEUS, A HISTÓRIA DE UMA TRADIÇÃO BEM PORTUGUESA

Em algumas zonas de Portugal, no dia de Todos os Santos, as crianças saem à rua e juntam-se em pequenos bandos para pedir o pão-por-deus de porta em porta. As crianças quando pedem o pão-por-deus recitam versos e recebem como oferenda: pão, broas, bolos, romãs e frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas, que colocam dentro dos seus sacos de pano. É também costume em algumas regiões os padrinhos oferecerem um bolo, o Santoro. Em

algumas povoações, chama-se, a este dia, o "Dia dos Bolinhos" ou "Dia do Bolinho".

Esta tradição já era registada no século XV. Tem origem no ritual pagão do culto dos mortos, com raízes milenares. Começou também o costume de deixar o primeiro pão de uma fornada nesta altura à porta da casa tapado por um pano. Seria para honrar os mortos, mas a intenção era também quem de mais pobre por ali passasse tomasse a parte física para si.

Assim este pão para os fiéis defuntos começou a ter a vertente de partilha com quem necessitava.

Em 1756, também se cumpriu, 1 ano após o terremoto que destruiu Lisboa em 1 de novembro de 1755, em que morreram milhares de pessoas e em que a população da cidade - na sua maioria pobre - ainda mais pobre ficou.

Como a data do terramoto coincidiu com uma data com significado religioso (1 de novembro), de forma espontânea, no dia em que se cumpria o primeiro aniversário do terramoto, a população aproveitou a tradição para desencadear, por toda a cidade, um peditório, com a intenção de manter uma tradição que lembrava os seus mortos.

As pessoas, percorriam a cidade, batiam às portas e pediam que lhes fosse dada qualquer esmola, mesmo

que fosse pão, dado existir tanta fome pela cidade. E as pessoas pediam: "Pão por Deus".

Noutras zonas do país, foram surgindo variações na forma e no nome da comemoração.

Nas décadas de 1960 e 1970, a data passou a ser comemorada mais de forma lúdica do que pelas razões que criaram a tradição.

A partir dos anos 1980, a tradição foi gradualmente desaparecendo e, atualmente, raras são as localidades onde se pratica esta tradição. Em Fátima, por exemplo, esta tradição continua bem viva.

Por Isabel Neves

O CALENDÁRIO GREGORIANO



(Papa Gregório XIII – Basílica de São Pedro)

Deus criou o universo em seis dias e ao sétimo descansou.

Este é o fundamento para a semana de 7 dias, no mundo cristão, que tem início ao domingo e termina no sábado.

A contagem do tempo é feita com base em estudos astrológicos e foi fixado em 24 de fevereiro de 1582 quando o Papa Gregório XIII, através da bula Papal 'Inter Gravissimas', promulgou o calendário Gregoriano, que veio substituir o calendário Juliano, criado no tempo de Júlio César. O objectivo foi o de criar, com esta bula, uma sincronia entre o calendário e o ano solar.

Apesar da proximidade conseguida a partir dos conhecimentos astrológicos do século XVI, o ano gregoriano, com base no qual foi elaborado o calendário com o mesmo nome, dura 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos, sabendo-se hoje que diverge em mais 27 segundos do que o ano trópico, isto é, o tempo que o sol demora a voltar ao ponto inicial, passados os dois equinócios e os dois solstícios, no seu movimento de translação.

Ainda um aspecto curioso a referir, no que respeita ao calendário gregoriano: tem celebrações litúrgicas em datas fixas e em datas móveis. Por exemplo, o nascimento de Jesus Cristo é uma data fixa do calendário gregoriano. O tempo do Advento calcula-se contando os quatro domingos anteriores ao dia de Natal. Com o Advento inicia-se o ano litúrgico, que não é coincidente com o ano civil. A celebração da Páscoa, por outro lado, é numa data móvel que se situa entre os dias 22 de março e 25 de abril. O cálculo dos domingos de Páscoa, designado por 'Computus' são feitos, uma vez mais, a partir da astrologia e correspondem ao primeiro domingo após a primeira lua cheia subsequente ao equinócio da Primavera. Isto porque, segundo os cálculos efectuados, a

crucificação de Jesus terá ocorrido na sexta feira anterior à Páscoa celebrada pelos Judeus, depois da primeira lua cheia que se seguiu ao equinócio da Primavera daquele ano.

A Páscoa preside todo o calendário litúrgico cristão, estando as festas móveis sujeitas à data da Páscoa, como, por exemplo, a quarta feira de Cinzas, que dá início à quaresma quarenta dias antes da celebração pascal, além das festas posteriores à Páscoa, como o Pentecostes e o Corpus Christi.

Pode-se ainda acrescentar outra característica dos anos litúrgicos, os quais se dividem em ano A, B e C, para que, deste modo, em cada ciclo de três anos, praticamente toda a Bíblia é lida nas celebrações eucarísticas.

Vêm estas curiosidade a propósito duma realidade que é oportuno referir: os ciclos repetem-se. Todos os anos vivemos o Advento, o Natal, a Páscoa, o Pentecostes, etc. Mas todos os anos são diferentes, porque vividos numa atitude física, psicológica, material, ou espiritual diferentes. As experiências de fé mudam, porque Deus nos reserva sempre surpresas

para o nosso caminho. Mas também mudam, porque as nossas escolhas variam, consoante os momentos da nossa vida. Por vezes sentimo-nos próximos de Deus. Outras vezes, há um vazio que nos faz sentir distantes, desligados, desinteressados. Contudo, há uma certeza em todos estes ciclos de vida: Deus quer-nos. Chama-nos a toda a hora, minuto e segundo. O nosso sim, mesmo quando não tem um efeito emocional, transporta-nos a um crescimento espiritual constante, se coerente. As nossas indiferenças e auto suficiências afastam-nos de Deus, apesar de Deus se manter sempre junto a nós.

Nesta época, em que nos aproximamos a passos largos do inicio do ano litúrgico, com o Natal à porta (o Advento deste ano inicia-se no domingo, 28 de Novembro), vale a pena anteciparmos o momento porque, quanto mais nos prepararmos interiormente, mais próximos estaremos de Deus e mais intensamente viveremos, com Ele, cada uma destas solenidades.

Por Luís M Barosa

A MINHA EXPERIÊNCIA NOS ESCUTEIROS



O meu nome é Mariana Canto, tenho 19 anos e sou escuteira desde os 9 anos aqui na paróquia da Penha de França. Neste momento estou a estudar Enfermagem na Universidade Católica Portuguesa e faço parte de uma Equipa de Jovens de Nossa Senhora.

Fui criada numa família católica que sempre me ensinou a importância que a fé tem na nossa vida. Frequentei a catequese desde o 1.º ano e percebi que todos os meus amigos da catequese também frequentavam os escuteiros. E por isso decidi experimentar.

Fazer parte deste movimento de jovens católicos, ajudou-me a crescer muito enquanto pessoa. Os escuteiros são como uma preparação para a vida adulta, uma espécie de formação contínua mas muito divertida e prática.

Nos escuteiros aprendemos a ser amigos, a trabalhar em equipa, aprendemos técnicas de sobrevivência, aprendemos a ser melhores pessoas, melhores cidadãos.

Temos workshops sobre saúde (suporte básico de vida), sobre técnicas escutistas (aprendemos a construir grandes construções apenas com madeira e corda). Temos também muitas conversas e tertúlias sobre a igreja, em que, muitas vezes, temos a presença do Padre Bartolomeu para nos guiar e ajudar.

Fazemos acampamentos regularmente e somos ensinados a ganhar autonomia e independência.

Em 2017, enquanto pioneira, fui à Madeira. Um acampamento de 10 dias totalmente preparado por nós, jovens. Aprendemos a ser organizados, a distribuir tarefas, a cumprir prazos e a ser responsáveis.

Aquilo que mais fazemos neste movimento é aprender a servir o próximo, sem esperar qualquer recompensa. Estamos habituados a ser prestáveis, a ajudar quem mais precisa.

Fazemos muitas ações de voluntariado.

No mesmo ano, em 2017, fomos chamados a ajudar uma aldeia que sofreu um bruto incêndio, Lajeosa do Dão, estivemos 3 dias a ajudar pessoas que tinham perdido tudo. Montámos cercas para animais, dividimos roupas doadas num armazém com mais de 300 caixotes. E tudo isto em troca de uns simples sorrisos, porque para nós ajudar o próximo é o mais importante.

Muitas vezes me perguntam como é possível conciliar os escuteiros ou os grupos de jovens com a faculdade.

E eu digo-vos, é bem possível! Estar na faculdade a tirar enfermagem, com turnos diurnos e noturnos ou pertencer a grupos de jovens, como as Equipas de Nossa Senhora e os escuteiros não me prejudicam em nada no desempenho escolar, pelo contrário, sou capaz de organizar melhor o pouco tempo que tenho e consigo fazer render o meu estudo. E tudo isto é possível porque estou a fazer o que gosto, estou com as pessoas que gosto e porque Deus providencia.

Pertencer aos escuteiros, até aos dias de hoje, só me trouxe alegrias e conhecimento, muito conhecimento.

Os escuteiros católicos ensinam-nos a viver a fé de uma maneira divertida mas consciente. Somos propostos a conhecermo-nos melhor e a aprofundar a nossa fé.

Os escuteiros não são como uma catequese e, por isso, é importante que, enquanto escuteiros católicos que somos, estarmos simultaneamente na catequese. Para mim sempre foi benéfico estar nos dois porque tudo aquilo que eu aprendia na catequese eu conseguia pôr em prática nos escuteiros.

Tenho por hábito afirmar que a catequese é como a escola teórica da fé enquanto que os escuteiros são a escola prática. Realizamos vários momentos de partilha, vários momentos de reflexão e muitas vezes abrimos espaços para dúvidas cristãs, porque, nesta idade, ter dúvidas é muito importante para conseguirmos descobrir mais sobre a fé e a Igreja. Estamos constantemente a pôr em prática o Evangelho.

E é isto, ser escuteira faz-me ser uma melhor cristã, pessoa e cidadã. Não trocava nenhum destes 10 anos por nada.

Por Mariana Canto

À CONVERSA COM...



Teresa Silvestre, entrou para a nossa paróquia aos 6 anos, quando os pais a trouxeram para a catequese. Todo o seu percurso catequético foi feito nesta paróquia.

Desde cedo que Teresa sentiu o “bichinho” do escutismo a crescer nela. Mas na altura os escuteiros

eram só para rapazes e, Teresa teve que esperar até aos 16 anos para finalmente poder experimentar o que era ser Escuteiro. O irmão, também ele escuteiro, foi a sua porta de entrada neste movimento e a sua mãe a incentivadora desta aventura.

Foi em 31 de julho 1977 que Teresa fez a sua promessa num acampamento onde estavam várias paróquias da cidade de Lisboa.

Esteve algum tempo afastada do escutismo, mas quando veio inscrever os seus dois filhos na catequese, foi “pescada” para a missão de ser novamente Escuteira.

Desde esse dia que Teresa não largou a sua missão e tudo fez para acompanhar este movimento. Tirou o Curso (CIP) para mais tarde ser chefe.

A sua investidura realizou-se no dia 15 de abril 1996 com mais dois escuteiros, um deles ainda a acompanha nesta missão.

Foi este o marco na sua vida de escuteira do CNE. Um dia em que realizou o seu sonho, de se tornar útil ao serviço dos outros, ajudando a formar, encaminhar,

ouvir as crianças e poder proporcionar-lhes algo que as pudessem ajudar nas suas vidas difíceis.

A sua aventura de chefe começou nos lobitos passando pelos exploradores.

Em 2006 tornou-se chefe de agrupamento do 42 Penha de França-CNE, cargo que ocupa até hoje.

Para a Teresa o “ser Escuteiro” é um compromisso para a vida e uma opção de vida. É o estar ATENTO ao que o rodeia e estar dispostos a fazer diferença na vida de alguém. Resumindo é formar cidadãos plenos e poder fazer a diferença nos outros.

O “42 Penha de França” como é carinhosamente conhecido está sempre de portas abertas para receber crianças e jovens que queiram fazer a Diferença.

Eles reúnem-se aos sábados por volta das 15h30 na porta número 3 do Largo da Penha de França.

Por Carla Carreira

FESTA DE TODOS OS SANTOS

Dia 01 novembro



Significado, origem e história da Solenidade

A Igreja celebra anualmente a 1 de novembro a solenidade litúrgica de Todos os Santos, na qual lembra conjuntamente “os eleitos que se encontram na glória de Deus”, tenham ou não sido canonizados oficialmente.

As Igrejas do Oriente foram as primeiras (século IV) a promover uma celebração conjunta de todos os santos quer no contexto feliz do tempo pascal, quer na semana a seguir.

No Ocidente, foi o Papa Bonifácio IV a introduzir uma celebração semelhante em 13 de maio de 610, quando dedicou à Santíssima Virgem e a todos os mártires o Panteão de Roma, dedicação que passou a ser comemorada todos os anos.

A partir destes antecedentes, as diversas Igrejas começaram a solenizar em datas diferentes celebrações com conteúdo idêntico.

A data de 1 de novembro foi adotada em primeiro lugar na Inglaterra do século VIII acabando por se generalizar progressivamente no império de Carlos Magno, tornando-se obrigatória no reino dos Francos no tempo de Luís, o Pio (835), provavelmente a pedido do Papa Gregório IV (790-844).

Já no dia 2 de novembro tem lugar a ‘comemoração de todos os fiéis defuntos’, que remonta ao final do primeiro milénio: foi o Abade de Cluny, Santo Odilão, quem no ano 998 determinou que em todos os mosteiros da sua Ordem se fizesse nesta data a evocação de todos os defuntos ‘desde o princípio até ao fim dos tempos’.

Este costume depressa se generalizou: Roma oficializou-o no século XIV e no século XV foi concedido aos dominicanos de Valência (Espanha) o privilégio de celebrar três Missas neste dia, prática que se difundiu nos domínios espanhóis e portugueses e ainda na Polónia.

Todos somos chamados a ser Santos

“Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Todos são chamados à santidade: ‘Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito’ “(Mt 5,48).

A marca dos santos são as bem-aventuranças que Jesus proclamou no Sermão da Montanha. Os santos viveram todas as virtudes e, por isso, são exemplos de como seguir Jesus Cristo. Deus prometeu dar a eterna bem-aventurança aos pobres no espírito, aos mansos, aos que sofrem e aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacíficos, aos perseguidos por causa da justiça e a todos os que recebem o ultraje da calúnia, da maledicência, da ofensa pública e da humilhação.

O caminho da perfeição passa pela cruz. Não existe santidade sem renúncia e sem combate espiritual. O progresso espiritual da oração, mortificação, vida sacramental, meditação, luta contra si mesmo, é isso que nos leva, gradualmente, a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças.

*Fonte: Ecclesia, Canção Nova
Por Isabel Neves*

No mês de novembro destacamos as seguintes comemorações:

- 01/11 - Festa de Todos os Santos**
- 02/11 - Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos**
- 11/11 - São Martinho**
- 14/11 - Dia Mundial dos Pobres**
- 21/11 - Solenidade Cristo Rei do Universo**
- 25/11 - Santa Catarina de Alexandria**
- 28/11 - 1º Domingo do Advento**
- 30/11 - Festa de Santo André, Apóstolo**

Celebração das missas durante a semana:

Semana:

2ªf – Pd. Albino

3ªf e 6ª f – Pd. Gonzalo

4ªf e 5ª f – Pd. Bartolomeu

Fins de semana:

6, 7, 20 e 21 – Pd Bartolomeu

13, 14, 27 e 28 – Pd Gonzalo



OBRAS NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA!



A fachada principal da nossa igreja precisa de ser restaurada. Precisamos da sua contribuição monetária para realizar esta obra.

**Contamos consigo.
Toda a ajuda, faz a diferença!**

IBAN DA PARÓQUIA
PT50 0018 0000 0069 1811 0014 2

Para mais informações: paroquianspenhafranca@gmail.com

Sintoniza-te e partilha connosco:

<http://www.paroquiapenhadefranca.com>

Gostaria de receber a newsletter? Registe o seu endereço de e-mail no site.



Facebook: [Paróquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



Instagram: [ppenhafranca](#)



Youtube: [Paroquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



E-mail: paroquianspenhafranca@gmail.com